

A SATISFAÇÃO CONJUGAL NO ALCOOLISMO: UM CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO DE HISTÓRIAS (QUASE) SEM FIM

Sofia Vaz Lourenço

Doutoranda

Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

sofia_vaz_lourenco@portugalmail.pt

Zélia de Macedo Teixeira

Professora Auxiliar

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

Centro Regional de Alcoologia do Norte

RESUMO

Este artigo apresenta os primeiros dados de um estudo centrado na relação entre a dependência de álcool e a dinâmica de casal abordando uma componente específica da Qualidade Marital, a Satisfação, num grupo de 24 casais avaliados no Centro Regional de Alcoologia do Norte (CRAN).

Os resultados encontrados direccionam estas relações para um pólo claramente insatisfatório do continuum relacional subjacente ao instrumento utilizado ENRICH Marital Satisfaction Scale (Fowers e Olson, 1993), e servem como ponto de partida para a reflexão sobre estas “díades” tão peculiares.

ABSTRACT

This paper presents the first data of a study centred in the relationship between alcohol dependence and the couples' dynamic, considering a specific component of marital quality – the satisfaction. The sample was constituted by 24 couples evaluated at CRAN. The results direct this relationships toward an extreme clearly dissatisfied in the relational continuum proposed by the ENRICH Marital Satisfaction Scale (Fowers & Olson, 1993), and are the departure point to several reflections about those so peculiar “dyads”.

1. INTRODUÇÃO

O consumo abusivo de álcool afecta de forma adversa o sistema familiar e este por sua vez enquanto família disfuncional pode promover a manutenção do alcoolismo dos seus membros. Nesta perspectiva, um dos subsistemas familiares mais estudados nas questões do álcool e das dependências é o subsistema conjugal, contando com várias décadas de pesquisa e análise por parte da comunidade investigadora.

Os efeitos destrutivos do alcoolismo nas relações maritais têm sido documentados por inúmeros autores (Marshall, 2003; Roberts & Linney, 2000 cit por Floyd, Cranford, Daugherty, Fitzgerald & Zucker, 2006), e a literatura mostra que nos casais com problemas ligados ao álcool o consumo abusivo por parte de um dos cônjuges é preditor de uma baixa qualidade marital e de uma instabilidade acrescida (Leonard & Roberts, 1998 cit. por Floyd et al., 2006). Verifica-se também que a presença de álcool no seio da relação de casal aumenta a probabilidade de ocorrência de rupturas e divórcios (Chilcoat & Breslau, 1996; Kessler, Walters & Forthofer, 1998; Prescott & Kendler, 2001 cit por. Floyd et al., 2006), que conduz a elevados níveis de conflitualidade (Whisman, Sheldon & Goering, 2000 cit por Floyd et al., 2006), violência, agressividade e *distress* (Leonard, 1999, 2002 cit por Floyd et. al., 2006; Jacob, Dunne & Leonard, 1983 cit. por Halford & Osgarby, 1993), salientando que a negatividade é uma característica dos processos de interacção no casal, especialmente subjacente nos comportamentos dos maridos alcoólicos face ao cônjuge (Jacob & Krahn, 1988; Kelly, Halford & Young, 2002).

Um estudo comparativo entre casais com esposas alcoólicas e casais com maridos alcoólicos (Noel, McCrady, Scout & Fisher-Nelson, 1991) apresenta os primeiros como aqueles em que o álcool parece influenciar de forma significativa a qualidade do relacionamento sexual, uma vez que o consumo abusivo de álcool parece torná-las menos desejáveis aos olhos do cônjuge, mais solitárias e com uma postura de maior evitamento da intimidade, condicionando a frequência das relações sexuais com os seus cônjuges. Tal situação parece não acontecer com os casais em que o alcoolismo é protagonizado no masculino. Os casais em que a mulher é a alcoólica evidenciam, no entanto, baixos níveis de desacordo e menores dificuldades comunicacionais, valores mais elevados para o ajustamento e para a satisfação marital, apontando para relações mais fortes e estáveis quando comparadas com os casais com homens alcoólicos (Noel et al., 1991). Os casais que experienciam consumos excessivos de álcool surgem como mais insatisfeitos com o casamento principalmente se o parceiro alcoólico é do género masculino (Noel et al., 1991).

Outros estudos mostram ainda maior incidência de *distress* marital em relações conjugais intactas de alcoólicos (Dunne & Leonard, 1983 cit. por Halford & Osgarby, 1993) onde os problemas e as dificuldades conjugais sentidas parecem ser preditores de mau prognóstico para o progresso de tratamentos individuais (Halford & Osgarby, 1993).

Quanto ao constructo teórico que suporta este trabalho - a satisfação marital - é visto como voltado fundamentalmente para o nível de análise do indivíduo, e como uma medida interpessoal do funcionamento marital constituindo-se assim uma avaliação subjectiva acerca da positividade inerente à relação casal (Mackey, Diemer & O'Brien, 2004).

Grande parte dos investigadores neste domínio acorda em considerar este constructo a par de outros, como por exemplo, o ajustamento, a intimidade, o compromisso, como estando fortemente correlacionados com um conceito mais abrangente, o da qualidade marital. Estas características tornam a variável da satisfação marital de especial interesse e com uma aplicação particularmente relevante para uma população como os alcoólicos e os seus parceiros. Importa referir que o casamento/relação conjugal vai mudando de acordo com o ciclo de vida da família, e que o nível de satisfação acompanha estas mudanças através da vida do casal. Parece-nos ainda de sublinhar que é crucial diferenciar satisfação de estabilidade, pois podemos encontrar casamentos estáveis e não serem necessariamente satisfatórios, mantendo-se neles os seus membros por inúmeras razões (Spanier & Lewis, 1980).

2. OBJECTIVOS

Este trabalho tem como objectivo analisar a relação entre o álcool e uma dimensão da qualidade marital - a satisfação - em casais alcoólicos, com um dos seus membros em recuperação. Especificamente pretende-se avaliar o grau de satisfação dos laços conjugais sob os olhares de alcoólicos em recuperação e seus parceiros, bem como analisar a presença ou ausência de histórias familiares ligadas à dependência alcoólica em ambos os cônjuges, contemplando a importância destas na interacção entre os membros da unidade casal.

Deste objectivo decorrem as seguintes hipóteses:

H1: Utentes e parceiros apresentam diferenças entre si quanto à Satisfação marital (real e percebida).

H2: Os antecedentes familiares de alcoolismo associam-se a menores níveis de satisfação marital (real e percebida) nos casais avaliados.

3. MÉTODO

3.1. PARTICIPANTES

Foram avaliados 24 casais com um dos elementos em tratamento no Centro Regional de Alcoologia do Norte (CRAN), 19 em que o alcoólico é o marido e 5 casais em que é a esposa o elemento alcoólico.

3.2. INSTRUMENTOS

As entrevistas tiveram início com a administração de um questionário sócio demográfico que pretendia recolher informação acerca de variáveis como o género, idade, nível de escolaridade, situação laboral, questões relacionadas com o casamento tais como o número de anos de duração da relação, a presença e número de filhos, uma questão sobre os antecedentes familiares ligados ao alcoolismo e uma outra relacionada com o

tratamento para a dependência de álcool onde se registava o tempo de abstinência conseguido até à data de aplicação dos instrumentos.

O instrumento utilizado para avaliar a satisfação marital foi a versão reduzida do Enrich Marital Satisfaction Scale (EMSS) na tradução portuguesa (Lourenço, 2005) a partir da versão original cedida por Fowers e Olson (1993). Este Inventário com um formato reduzido é constituído por 15 itens que pretendem avaliar a satisfação global na relação de casal. Destes 15 itens, 10 pretendem avaliar a satisfação marital e os restantes 5 itens pertencem à escala de distorção. O EMSS é um instrumento com a particularidade de englobar estas duas escalas permitindo comparar a percepção que cada um dos cônjuges possui acerca da satisfação com a sua relação e analisar o grau de distorção implícito nessa avaliação subjectiva, permitindo assim, aceder a duas componentes da satisfação – a percebida, e a real sentida por cada um dos cônjuges na relação de casal (Fowers & Olson, 1989, 1993). Os itens deste inventário abarcam dimensões como a comunicação, a resolução de conflitos, características da personalidade e hábitos do companheiro, a gestão financeira as actividades de lazer, o relacionamento sexual, o exercício da responsabilidade parental, a orientação religiosa e outros valores, e a relação com as famílias de origem (pais e sogros) e amigos. O nível de satisfação marital traduz-se em : muito baixa (1); baixa (2); moderada (3); elevada (4) e muito elevada (5).

3.3. PROCEDIMENTOS

Os instrumentos foram aplicados numa única sessão com cada casal num primeiro momento, e depois com cada cônjuge, separadamente. Na fase inicial foi-lhes explicado, de forma sucinta, o objectivo do estudo e a sua importância para a compreensão das implicações do álcool no casamento, seguindo-se o preenchimento do consentimento informado.

A análise dos dados foi efectuada em duas fases. Numa primeira fase procedeu-se a uma análise descritiva das frequências de resposta às variáveis correspondentes aos itens constituintes do questionário sócio demográfico administrado. Com o objectivo de proceder a uma análise sobre o tipo de associação entre as variáveis pretendidas (variáveis dicotómicas e ordinais) utilizou-se o Teste de Correlação r de Spearman. O nível de significância estatística aceite foi 95% (C.I.). De forma a analisar se havia diferenças estatisticamente significativas entre variáveis dicotómicas como o “estatuto” (alcoólico; parceiro) e as variáveis ordinais “satisfação marital percebida” e “satisfação marital real”, procedeu-se à realização do Teste Exacto de Fisher.

4. RESULTADOS

Quanto à caracterização sócio demográfica da amostra os seus elementos têm uma média de idades de 44,87 anos (DP=9.332), 70,8% possuem o 4º ano de escolaridade e, em termos laborais 62,5% dos utentes estão activos enquanto que 37,5% estão inactivos por situação de desemprego ou por motivo de baixa médica. Os seus cônjuges têm uma

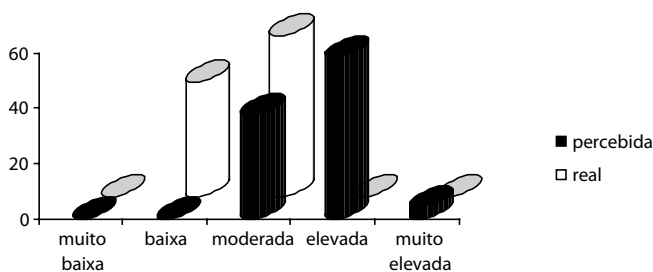
média de idades de 42,5 anos (DP=9.71), 62,5% possuem o 4º ano de escolaridade e a maioria (83,3%) encontra-se activa em termos laborais. Os casais avaliados apresentam relações com uma duração média de 20,16 anos (DP=10.56) e à excepção de um casal, têm filhos desta relação (50% tem 2 filhos, DP=.79).

Relativamente à existência de história familiar ligada ao alcoolismo esta verifica-se em 91,7% dos utentes (DP=.38), e este facto é parcialmente partilhado pelos seus parceiros uma vez que destes, 37,5% (DP=.49) apresentam antecedentes familiares de problemas ligados ao álcool.

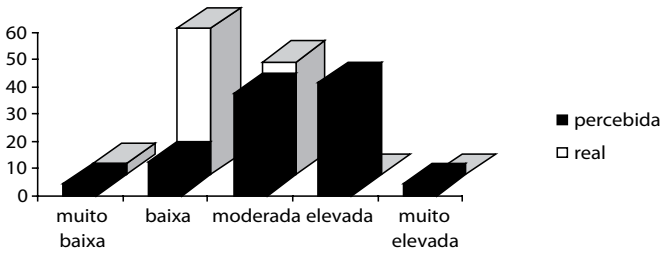
Quanto à variável “tempo de abstinência” para os utentes em recuperação recrutados observa-se que 62,5% (DP=.95) mostram estar no máximo há 6 meses sem beber.

Relativamente à “satisfação marital percebida” (EMSS), verifica-se que os utentes se distribuem apenas por três categorias da variável - Moderada (37,5%); Elevada (58,3%) e Muito Elevada (4,2%). Quando retiramos a carga idealista da satisfação marital percebida obtemos a variável “satisfação marital real”. Esta variável, quando analisada em termos descritivos remete-nos para uma distribuição ainda menos ampla havendo a supressão das categorias muito elevada e elevada (Gráfico 1), permanecendo a categoria moderada com uma percentagem mais alta (58,3%) do que a observada anteriormente e, surgindo a categoria baixa satisfação que não constava na análise das frequências na variável anterior (41,7%).

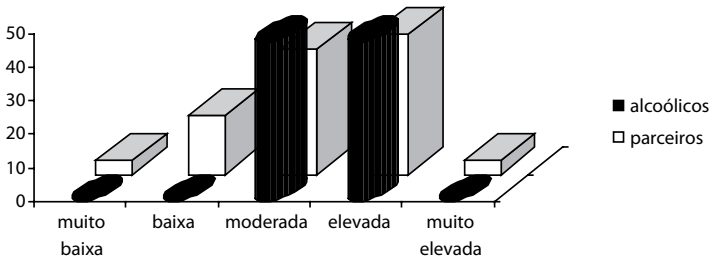
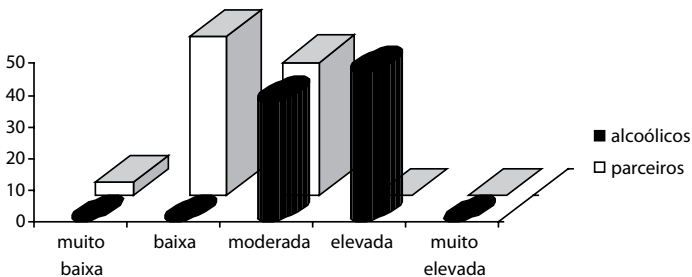
GRÁFICO 1. SATISFAÇÃO MARITAL PERCEBIDA VS SATISFAÇÃO MARITAL REAL (ALCOÓLICOS)



Para os parceiros, observa-se que na variável “satisfação marital percebida” estes se distribuem de forma diferente dos seus companheiros, dado que as categorias que caracterizam mais negativamente a satisfação marital (muito baixa e baixa) contemplam, designadamente 4,2% e 12,5% dos inquiridos (Gráfico 2). Quanto às outras categorias observa-se que a maior parte da amostra se situa nos níveis de moderada (37,5%) e elevada (41,7%). A categoria “muito elevada” comporta apenas 4,2% dos parceiros (DP=.907). Na análise da distribuição dos parceiros na variável “satisfação marital real” verifica-se que apenas persistem três das cinco categorias possíveis, ou seja, as que avaliam moderadamente e negativamente a relação de casal — muito baixa com 4,2%; a baixa com 54,2% e a moderada com 41,7% (Gráfico 2).

GRÁFICO 2. SATISFAÇÃO MARITAL PERCEBIDA VS SATISFAÇÃO MARITAL REAL (PARCEIROS)

A sobreposição e comparação dos resultados obtidos junto de utentes e parceiros tanto para a satisfação percebida como para a satisfação real está patente nos gráficos 3 e 4.

GRÁFICO 3. SATISFAÇÃO MARITAL PERCEBIDA (ALCOÓLICOS VS PARCEIROS)**GRÁFICO 4. SATISFAÇÃO MARITAL REAL (ALCOÓLICOS VS PARCEIROS)**

Na sequência dos resultados descritos vimos confirmada a primeira hipótese considerada e que pressupunha que os utentes e os seus parceiros apresentariam diferenças entre si quanto à satisfação marital (real e percebida).

Feita esta primeira análise progredimos no sentido de avaliar outros factores que poderiam estar associados, para uma melhor compreensão destes dados.

De uma forma geral, na amostra recolhida existe uma associação positiva entre as variáveis satisfação marital percebida e a satisfação marital real. Esta é uma correlação positiva e forte ($p=.733$; $p<0.05$ para os utentes; $r=.768$; $p<0.05$ para os parceiros), o que vai de encontro à intenção do autor do instrumento que concebe estes dois constructos como intimamente relacionados uma vez que, o cálculo da satisfação marital real deriva da satisfação marital percebida que se constitui como um acrescento idealista da primeira.

Pudemos ainda constatar que existe uma correlação negativa ($r= -.398$; $p<0.05$) entre a idade de utentes e parceiros e a satisfação marital percebida. Apesar desta se constituir como uma associação fraca, é significativa observando-se que os casais mais novos se apresentam como o grupo etário mais satisfeito com as suas relações conjugais, remetendo para a possibilidade de estes casais possuírem uma história relacional mais curta e que retrata também uma presença do álcool nas suas vidas igualmente menos longa.

O peso do subsistema filial transparece na associação positiva e com significância estatística entre as variáveis “número de filhos” e as variáveis “satisfação marital percebida” e “satisfação marital real” ($r=.406$, $p<0.05$; $r=.442$; $p<0.05$).

Considerando agora os alcoólicos, encontramos uma associação positiva que se verificou entre as variáveis “nº de filhos” e “satisfação marital percebida” ($r= .413$; $p<0.05$) e “satisfação marital real” ($r=.656$; $p<0.05$) sendo esta última uma correlação mais forte. Nos parceiros, esta associação não se verifica com significância estatística ($r=.344$; $p>0.05$; $r=.240$), no entanto, ainda referente à variável “nº de filhos” verificamos uma associação significativa positiva forte com o “nº de anos de casamento” ($r=.635$; $p<0.05$).

As variáveis “tempo de abstinência” (para os utentes) e “tempo de crédito para a mudança” (que reflecte o tempo de adaptação dos parceiros à nova situação de abstinentes por parte dos respectivos cônjuges) na sua associação com a “satisfação marital percebida” e com a “satisfação marital real” quer para os parceiros quer para os utentes não se apresenta com significância estatística. Estes resultados remetem para a possibilidade dos tempos quer de abstinência quer de crédito (situados à volta dos 6 meses), serem tempos ainda curtos para a operação de mudanças estruturais na definição da satisfação da união.

Relativamente à hipótese 2 que sustenta a existência de associação dos antecedentes familiares de alcoolismo com níveis mais baixos de satisfação marital verificamos que, esta só é parcialmente confirmada, na medida em que, quanto aos utentes não foi encontrada qualquer associação, quer para a satisfação marital real ($r=-.255$, $p>0.05$) quer para percebida ($r=-2,01$ $p>0.05$). Já no que respeita aos cônjuges, observou-se a associação entre os antecedentes familiares de alcoolismo apenas com a satisfação marital real, que surge como negativa e com significância estatística ($r=-.510$; $p<0.05$). Esta associação é também forte e relaciona uma história de alcoolismo familiar com uma descrição da união como insatisfatória, remetendo para as memórias e para as experiências anteriores de intrusão do álcool no seio familiar, estabelecendo uma correspondência entre vivências anteriores e satisfação menos elevada ou avaliada negativamente da união com o alcoólico/a.

As outras variáveis não são enumeradas, uma vez que a sua associação não resulta significativa em termos estatísticos e não têm relevância suficiente que justifique a sua exposição.

5. DISCUSSÃO

Da análise dos resultados parece ser clara a diferença nas respostas da amostra às variáveis “satisfação marital percebida” e “satisfação marital real”. Surge desde logo notória a avaliação mais positiva e satisfatória (categoria “elevada” com 58,3%) que os utentes efectuam das suas relações de casal, corroborada pela presença também de respostas na categoria muito elevada, ao contrário dos seus parceiros que se encontram divididos pelas categorias moderada e elevada, embora para este grupo a existência das categorias baixa (12,5%) e muito baixa (4,2%) já façam sentido.

No grupo de utentes e no grupo dos seus parceiros observa-se um mesmo fenómeno, a “des-idealização” ou a redução da carga idealista que a sua percepção transporta quando se analisa as diferenças entre as respostas à “satisfação marital percebida” e à “satisfação marital real”. Isto porque, quando se observa esta passagem da variável “percebida” para a variável “real” pretende-se que prevaleça uma visão mais adequada e menos vulnerável aos perigos da deseabilidade de resposta. Assim, os utentes passam a possuir uma categoria de avaliação da satisfação marital como menos positiva (baixa) e ocorre a eliminação da visão excessivamente positiva numa relação que nos surge no contexto clínico com um elevado grau de deterioração emocional e comunicacional. Para os parceiros a “satisfação marital real” é também diferente da relatada aquando da administração do questionário (EMSS) e observa-se a persistência de três categorias que avaliam a relação de casal com uma satisfação moderada e negativa e de uma forma marcadamente mais negativa e desfavorecedora do que havia sido apresentada no formato “percebida”.

No âmbito da prática clínica ressaltam as inúmeras queixas e a forma depreciativa com que estes parceiros abordam a sua relação de casal, aspectos que concorrem para os resultados na variável “satisfação marital real”. Esta situação está em consonância com o estudo de Jacob e Krahn (1988) que mostra os membros alcoólicos como responsáveis sobretudo pela escuta negativa do outro, ao contrário dos cônjuges cuja dominância é a fala negativa. Um outro aspecto que parece ser relevante é o facto de a “satisfação marital percebida” poder estar relacionada com a manutenção destes cônjuges insatisfeitos. Uma possível explicação complementar é a existência de um subsistema filial apoiante que surge como aliado e substituto do membro alcoólico.

Um outro factor explicativo para a manutenção do cônjuge nestas circunstâncias pode ser o facto de o sistema conjugal não vigorar no topo da hierarquia das suas prioridades. A menor atribuição de importância à vivência conjugal e a conseqüente falta de expectativas acarreta uma redução do sofrimento que a interferência do álcool poderá produzir. Apesar de os parceiros considerarem as relações como mais insatisfatórias que os seus companheiros alcoólicos, não desenvolvem esforços para a ruptura destes laços que apesar de funcionais não parecem ter qualidades que os satisfam. Estes parcei-

ros permanecem possivelmente porque os seus antecedentes familiares de alcoolismo os suportam, e por isso, não motivam a procura de parceiros diferentes que, eventualmente poderiam acarretar uma mudança ainda mais prejudicial do que a escolha da permanência. Esta é uma realidade que já conhecem e que não causa surpresas, preferem apostar numa realidade conhecida ainda que saibam que a satisfação que daí retiram seja insuficiente, e que fiquem por preencher algumas necessidades. A estabilidade do funcionamento disruptivo e a consciência da previsibilidade desse sistema alcoólico poderá ser responsável pela permanência destes parceiros, até porque muitos destes alcoólicos em recuperação estão a fazer a primeira tentativa de desintoxicação, ao mesmo tempo que são casamentos cuja duração traz instalado o álcool desde a sua génese. Assim, o álcool é um elemento antigo nestas relações, habitual, que aprenderam a suportar nos limites do que dizem ser insuportável. Também o facto de ser a primeira tentativa de abstinência pelos utentes traz para a distribuição pelas categorias da variável “satisfação marital percebida” a noção de expectativas elevadas em relação ao efectivar da mudança justificadas com verbalizações como “agora mudou tudo”; “é um homem diferente”.

A manutenção destes parceiros nestas relações visivelmente insatisfatórias (satisfação marital real) pode estar relacionada com os resultados do estudo de Haber e Jacob (1997) que documentam um elevado desejo de mudança no comportamento alcoólico, daí que permaneçam expectantes no decurso positivo de todo o processo de abstinência.

6. CONCLUSÃO

O sistema familiar e em particular, o subsistema conjugal, constituem-se como uma importante parte dos processos de diagnóstico e no decurso do processo de tratamento para a dependência do cônjuge (Saatcioglu, Rahsanerim & Cakmak, 2006). O papel da família e do cônjuge no processo de abstinência está longe de ser claro. A literatura expõe as dúvidas quanto à natureza deste envolvimento e, especificamente, as suas consequências uma vez que os coloca numa posição apoiante e de suporte (Saatcioglu, Rahsanerim, & Cakmak, 2006) com benefícios paralelos em termos dos seus problemas psicológicos (Moos, Finney & Cronkite, 1990) ao mesmo tempo que avança com as possibilidades de poderem precipitar situações de recaída numa tentativa de restabelecer a homeostasia ao sistema rigidificado e construído em torno do álcool e, que a abstinência veio pôr em causa (Steinglass, 1979, 1980 cit por Jacob, & Krahn, 1988). Assim, é crucial conhecer a estrutura familiar alcoólica de forma a poder relacioná-la com o seu papel em todo o processo de tratamento.

A realização deste trabalho veio dar um contributo adicional ao cenário das investigações realizadas acerca da qualidade marital nas relações de alcoólicos, e particularmente, acrescentar novos resultados ao estudo do grau de satisfação marital que os casais com maridos ou mulheres alcoólicos atribuem às suas relações.

Importa referir que algumas das limitações encontradas se prendem especialmente com o tamanho da amostra, uma vez que é referente a um estudo parcelar de um trabalho

mais alargado acerca das relações pais filhos, em famílias alcoólicas e da qualidade das relações de vinculação de filhos de alcoólicos e com o número significativamente inferior de casais em que a esposa é o membro alcoólico. Esta é uma questão que se tem mostrado transversal aos estudos realizados nos últimos anos.

Os resultados encontrados mostram-se claramente consentâneos com os contributos de outros estudos na medida em que, apresentam os parceiros de alcoólicos como insatisfeitos na sua díade de casal (Kelly, Halford & Young, 2002). Estes cônjuges apresentam uma baixa satisfação “real” embora permaneçam nas suas relações e destas se constituírem como subsistemas perturbados, com um elevado *distress* e dificuldades visíveis na expressão de emoção e comunicação. Desta forma, a história de dependência de álcool por um dos membros do casal apresenta-se como um elemento crónico, desgastante, que o torna responsável pelos múltiplos desentendimentos, conflitos, disputas de poder mas que, paradoxalmente, coexiste com outros factores que tornam estas vivências histórias (quase) intermináveis.

- FLOYD, F., Cranford, J., Klotz-Daugherty, Zucker, R. A., & Fitzgerald, H. E. (2006). Marital interaction in alcoholic and nonalcoholic couples. *In: Journal of Abnormal Psychology*, 115, pp. 121-130.
- FOWERS, B. & Olson, D.H. (1989). ENRICH Marital Inventory: A Discriminant Validity and Cross-Validity Assessment. *In: Journal of Marital and Family Therapy*, 15, pp. 65-79.
- FOWERS, B.J. e Olson, D.H. (1993). ENRICH Marital Satisfaction scale: A reliability and validity study. *In: Journal of Family Psychology*, 7, pp. 1-10.
- HABER R e Jacob T. 1997. Marital interactions of male versus female alcoholics. *In: Family Process* 36, pp. 385-402.
- HALFORD, W.K. e Osgarby, S.M. (1993). Alcohol Abuse in Clients Presenting with Marital Problems. *In: Journal of Family Psychology*, 6, pp. 245-254.
- JACOB, T. e Krahn, G. (1988). Marital Interactions of Alcoholic Couples: Comparison with Depressed and Nondistressed Couples. *In: Journal of Consulting and Clinical Psychological*, 56, pp. 73-79.
- MACKEY, R., Diemer, M. e O'Brien, B. (2004). Relational Factors in Understanding Satisfaction in the Lasting Relationships of Same Sex and Heterosexual Couples. *In: Journal of Homosexuality*, 47, pp. 111-136.
- MARSHAL, M.P. (2003). For better or for worse? The effects of alcohol use on marital functioning. *In: Clinical Psychology Review*, 23, pp. 959-997.
- MOOS, R. H., Finney, J. W., e Cronkite, R. C. (1990) *Alcoholism treatment: Context, process, and outcome*. New York, Oxford University Press.
- NOEL, N.E., McCrady, B., Scout, R. e Fisher-Nelson, H. (1991). Gender Differences in marital functioning of male and female alcoholics. *In: Family Dynamics Addict*, 1, pp. 31-38.
- KELLY, A.B., Halford, W. k., Young, R. McD. (2002). Expectations of the effects of drinking on couple relationship functioning: An assessment of women in distressed relationships who consume alcohol at harmful levels. *In: Addictive Behaviours*, 27, pp. 451-464.
- SAATCIOGLU, O., Rahsanerim, M. e Cakmak, D. (2006). Role of family in alcohol and substance abuse. *In: Psychiatry and Clinical Neurosciences* 60, pp. 125-132.
- SPANIER, G. B. e Lewis, R. A. (1980). Marital quality: A review of the seventies. *Journal of and Marriage and the Family*, 44, pp.731-738.